

## METÁFORA: FIGURAÇÕES, FULGURAÇÕES

*«Vou então folhear a Enciclopedia Filosofica de Sansoni. De interessante encontro 'Metáfora' e 'Barroco'. O primeiro termo não me dá indicações bibliográficas úteis, mas diz-me (e vou-me apercebendo cada vez melhor da importância desta advertência) que tudo começa com a teoria da metáfora de Aristóteles.»*

Umberto Eco<sup>1</sup>

1. A dupla reflexão que Aristóteles consagrou à metáfora, encarando-a separadamente à luz da poética e à luz da retórica, conduziu a um tratamento diferenciado da figura, em função dos objectivos distintos que as duas disciplinas prosseguiam, e permitiu pensá-la tanto no quadro da funcionalidade mimética da poesia, como no da eficácia persuasiva do discurso.

No que toca à *Poética*, a teorização da metáfora (caps. XXI e XXII) insere-se no âmbito mais largo da sistematização da *lexis* e é aí entendida como uma *espécie* (entre outras) da categoria genérica do *nome*: «Cada nome, depois, ou é corrente, ou estrangeiro, ou metáfora, ou ornato, ou inventado, ou alongado, abreviado ou alterado.»<sup>2</sup> É este vínculo da metáfora ao nome que irá subsistir na raiz da sua concepção pelos milénios vindouros, ao passo que a definição exaustiva da figura, formulada no mesmo passo da obra, se desagrega e dispersa lentamente por um largo espectro tropológico:

---

<sup>1</sup> *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*, Lisboa, Editorial Presença, 2ª ed., s.d., p. 103.

<sup>2</sup> ARISTÓTELES – *Poética*, Lisboa, I.N.C.M., 3ª ed., s.d., p. 133.

«A metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do género para espécie, ou da espécie para o género, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia.» (1457b)<sup>3</sup>.

Onde a posteridade viu uma diversidade de tropos, Aristóteles reconheceu apenas uma superfigura, unificada pelo transporte do nome, capaz de cruzar livremente as categorias do geral e do particular. E, desse ponto de vista, dilucidou o dispositivo da analogia: «Digo que há analogia, quando o segundo termo está para o primeiro, na igual relação em que está o quarto para o terceiro, porque, neste caso, o quarto termo poderá substituir o segundo, e o segundo, o quarto.»<sup>4</sup> Esta mesma ideia de substituição inerente ao *transfert* de significação é reforçada adiante: «Quanto a palavras estrangeiras, metáforas e outras espécies de nomes raros, ver-se-á que dizemos a verdade, se as substituirmos por palavras de uso comum».<sup>5</sup>

Paul Ricoeur submete as passagens que transcrevemos a uma análise minuciosa<sup>6</sup>, através da qual pretende restituir os grandes postulados que sustentam a caracterização aristotélica da metáfora. Em síntese, poderemos destacar os seguintes:

- i) a metáfora é algo que acontece ao nome;
- ii) é definida em termos de movimento, como uma *epífora do nome*, uma forma de deslocação de x para y;<sup>7</sup>
- iii) é a transposição de um nome que Aristóteles designa como *estrangeiro (allogrios)*, um nome que designa outra coisa;
- iv) as quatro espécies, nas quais a ideia de epífora preserva a unidade da metáfora, serão ulteriormente desmembradas e a metáfora tenderá a reduzir-se à quarta espécie, ou seja, à analogia.

Esta síntese deve, porém, ser matizada pela valoração que Aristóteles atribui ao processo metafórico. Com efeito, ao referir-se à importância do

---

<sup>3</sup> *Op. cit.*, p.134.

<sup>4</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>5</sup> *Op. cit.*, p. 137.

<sup>6</sup> RICOEUR, Paul – *La Métaphore Vive*, Paris, Éditions du Seuil, 1975.

<sup>7</sup> O que permitiria inferir que, na Poética, a metáfora não é uma figura entre outras, mas o modelo de toda a transposição ou *translação* de termos, ou seja, o arquétipo de toda a tropologia.

uso *discreto* das várias espécies de nomes, o autor da *Poética* valoriza o emprego da metáfora «*porque tal não se aprende nos demais, e revela portanto o engenho natural do poeta; com efeito, bem saber descobrir as metáforas significa bem se aperceber das semelhanças*». <sup>8</sup>

A dinâmica subjacente à metáfora é, assim, reconhecida como método de sistematização do conhecimento e de ordenação do cosmos. A metaforização como resultante da percepção de relações de semelhança implica, também, a captação das diferenças co-relativas e, neste sentido, ganha acuidade a observação de Ricoeur quanto ao facto de as passagens do género à espécie, ou da espécie ao género, ou de uma espécie para outra espécie (i.e., as três primeiras modalidades metafóricas enunciadas por Aristóteles) envolverem transgressões categoriais que só se realizam com elevados custos lógicos de que o Filósofo fez tábua rasa.

Se, efectivamente, bem metaforizar é bem aperceber o semelhante, então o processo metafórico que transgride o sistema categorial é também o mesmo que o engendra.

Pelo que toca à *Retórica*, Aristóteles, começando por declarar que nada tem a acrescentar à definição de metáfora proposta na *Poética*, vem depois estabelecer um paralelismo entre metáfora e comparação – e disso não há qualquer vestígio na *Poética*. Uma tal conexão, como se sabe, ganhou foros de cidadania na tradição retórica, mas nem por isso deixa de introduzir uma contradição profunda em relação à ideia de metáfora como denominação substitutiva. A natureza discursiva da comparação procede da necessidade da co-presença de dois termos (um *tenor* e um *vehicle*, se recorrermos à terminologia de I. A. Richards) na cadeia da frase e esse dispositivo sintagmático pode ser subsumido na noção de metáfora como epífora do nome. Como salienta Paul Ricoeur, «*quand les modernes diront que faire métaphore c'est voir deux choses en une seule, ils seront fidèles à ce trait que la comparaison rend manifeste et que la définition de la métaphore par l'épiphore du nom pouvait masquer*». <sup>9</sup>

Ora Aristóteles opta claramente pela subordinação da comparação à metáfora, ao conceber aquela como uma *metáfora desenvolvida*, ao contrário do que virá a ser a interpretação dominante a partir de Quintiliano,

<sup>8</sup> ARISTÓTELES – *Op. cit.*, p. 138.

<sup>9</sup> RICOEUR, Paul – *Op. cit.*, p. 35.

a qual passará a considerar a metáfora como uma *comparação abreviada*. A subordinação aristotélica, observa ainda Ricoeur, «n'est donc possible que parce que la métaphore présente en court-circuite la polarité des termes comparés». <sup>10</sup>

O ponto de partida é o mesmo tanto num caso como no outro – a captação de uma identidade na diferença de dois termos – mas o efeito de surpresa produzido, na metáfora, pela atribuição directa dissipa-se por completo na comparação. O afrontamento abrupto da primeira, repercutindo no plano do ser, está ausente da natureza passiva da segunda, que releva da esfera do parecer. É nessa maior força da metáfora que se funda a subordinação efectuada por Aristóteles.

Se de Aristóteles nos deslocarmos vertiginosamente para Fontanier – verificando, *per saltum*, a restrição interna a que a retórica clássica, no decurso de mais de dois mil anos, submeteu o seu objecto – e nos situarmos já no domínio da tropologia, poderemos encerrar o quadro da metáfora entendida como denominação. O último assomo da hegemonia da palavra na teoria retórica da significação pode, sem grande esforço, ser lido como sintoma de uma fase de agonia, que antecede e prenuncia o reconhecimento da frase como unidade mínima de significação.

Em *Figures du Discours* (1821), Fontanier defende ainda o primado da palavra sobre e frase. O uso da figura é encarado como uso *livre*, mesmo que praticado quotidianamente: a catacrese, por exemplo, enquanto extensão forçada do significado da palavra, é expressamente excluída do elenco das figuras. O critério subjacente aos tropos e, de um modo geral, às figuras, decorre da sua natureza substitutiva. Mas, em Fontanier (como, de resto, já em Dumarsais) o tropo não é a relação em si mesma, mas sim o resultado dela, aquilo que vem por meio da relação. A metáfora deixa de ser olhada como género – como acontecia em Aristóteles, que lhe discriminava as espécies – mas equivale ao modelo dos tropos: uma só palavra que parte de duas ideias e do transporte de uma para outra.

Neste ponto, as *Figures du discours* estabelecem a distinção entre relações de correspondência, relações de conexão e relações de semelhança, que dão lugar respectivamente à metonímia, à sínecdoque e à metáfora. E, no que toca a esta última, Fontanier desvincula-a do nome, admitindo que todas as palavras integram o seu domínio. Se tivermos em conta, por exemplo, o

---

<sup>10</sup> *Idem*, p. 38.

emprego metafórico do verbo e do advérbio, teremos de admitir que tal acontece necessariamente numa frase que relaciona, não apenas duas ideias, mas duas palavras. Como afirma Ricoeur: «un terme pris non métaphoriquement qui sert de support et un terme pris métaphoriquement qui exerce la fonction de caractérisation». <sup>11</sup> Os exemplos escolhidos por Fontanier («le remords *dévorant*», «le courage *affamé* de périls et de gloire», etc.) mostram que a metáfora «ne nomme pas, mais caractérise ce qui est déjà nommé». <sup>12</sup>

...//...

«É isto, meu filho: se houvesse dito simplesmente que os prados são amenos, não representarias senão o verdejar – de que já sei – mas se disseres que os Prados riem, far-me-ás ver a terra como um *Homo Animatus*, & reciprocamente aprenderei a observar nos rostos humanos todas as esfumaturas que captei nos prados... E este é o ofício da Figura excelsa entre todas, a Metáfora.»

Umberto Eco<sup>13</sup>

2. É necessário esperar pelas formulações de I. A. Richards<sup>14</sup> e, mais perto de nós, pelas de Max Black<sup>15</sup> para vermos postulada a existência de um *enunciado metafórico*, enquanto meio contextual onde se produz, de modo exclusivo, a transposição de sentido. Não se trata, contudo, de postergar a concepção nominal, uma vez que a palavra permanece aqui como *portador* do sentido metafórico. Nos termos de Max Black, a palavra continua o *focus* da metáfora: exige, porém, o *frame* da frase.

Em meados dos anos trinta, Richards mostrava-se hostil às taxinomias disponíveis e conferia à metáfora um valor absoluto, sem qualquer referência ao que a pode opor à metonímia e à sinédoque. Recusando que a palavra pudesse ter sentido em si mesma, propunha uma teoria contextual

---

<sup>11</sup> *Idem*, p. 79.

<sup>12</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>13</sup> *A Ilha do Dia Antes*, Lisboa, Difel, 1995, p. 86.

<sup>14</sup> RICHARDS, Ivor Armstrong – *The Philosophy of Rhetoric*, Oxford University Press, 1936.

<sup>15</sup> BLACK, Max – *Models and Metaphors*, Ithaca, Cornell University Press, 1962.

do sentido, já que este só se estabelece, de maneira indivisa, no discurso tomado como um todo.

É a partir deste tipo de posicionamentos que uma teoria da interacção se começa a desenvolver, no contraponto de uma concepção puramente substitutiva de metáfora. Para I. A. Richards, ela mantém dois significados diferentes, mas simultaneamente activos, no interior de uma palavra ou de uma expressão simples cuja significação é resultante da sua interacção. Considerando que os dois significados se encontram no desnivelados, propõe a designação de *tenor* para a ideia subjacente e de *vehicle* para a ideia sob a qual é apreendida a primeira.

Importa, porém, acentuar que nesta perspectiva a metáfora não se confunde com o *vehicle*: ela resulta da co-presença e da interacção dos dois termos. Por consequência, o *tenor* não pode conservar-se inalterado e o *vehicle* não deve ser tomado com mera veste ou ornato. É por intermédio desta tensão que tanto a semelhança como a diferença entram em jogo e, porventura, a alteração que o *vehicle* imprime no *tenor* dever-se-á mais à sua diferença do que à sua semelhança.

Nos anos sessenta, a teoria da interacção consolida-se com Max Black. O seu ponto de partida não é a retórica, como fora com Richards, mas o projecto de constituir uma *gramática lógica* da metáfora que dê conta de um vasto número de questões: como se reconhece uma metáfora?; com que critérios?; quais os efeitos visados?; é ou não a metáfora um simples ornato?; etc.

Para Black, a metáfora resulta de um enunciado completo, embora a atenção se concentre sobre uma palavra particular (*focus*), isolável do resto da frase (*frame*) e cuja presença actua como uma instrução para que o enunciado seja descodificado como metafórico. Esta estrutura figural tem a vantagem de exprimir directamente o fenómeno da focalização sobre uma palavra sem regredir, com isso, à concepção clássica de metáfora como palavra. Por outro lado, especifica a ideia de interacção referida por I. A. Richards: o processo metafórico, segundo Black, desenrola-se entre o sentido indiviso do enunciado e a focalização da palavra.

Ao sustentar a infungibilidade da metáfora, a teoria da interacção põe em causa alguns postulados através dos quais Paul Ricoeur pretende restituir o «modelo retórico da tropologia»<sup>16</sup>, designadamente, o postulado da

---

<sup>16</sup> RICOEUR, Paul – *Op. cit.*, pp. 65-66.

restituição da metáfora por paráfrase exaustiva, fundado na ideia de substituição. A esta nova luz, a metáfora adquire um conteúdo cognitivo, uma inovação semântica produzida por uma recomposição sémica e, por isso mesmo, irreduzível a qualquer termo ausente.

É certo que Ricoeur procura ultrapassar a incompatibilidade evidente entre as concepções de *metáfora/enunciado* e de *metáfora/palavra* através de uma possível complementaridade ou reciprocidade.<sup>17</sup> A metáfora virá, agora, situar-se entre a palavra e a frase, entre a denominação e a predicação, na exacta medida em que a contextualização da palavra pelo enunciado responde à focalização do enunciado pela palavra. Partindo deste entendimento, o autor de *La métaphore vive* empreende a crítica da ideia de simetria que a retórica contemporânea, inspirada pelo associacionismo, impôs ao *par* metáfora/metonímia.

Já em 1970, Gérard Genette se referia a esta dualidade como «couple figural exemplaire, chiens de faïence de notre propre rhétorique moderne».<sup>18</sup> Para Ricoeur, trata-se de uma simetria ilusória que assenta na interpretação psicologizante das figuras, porquanto a metonímia é apenas um fenómeno de denominação, enquanto a metáfora opera simultaneamente no registo da denominação e no registo da predicação e só opera no primeiro porque opera no segundo: «les mots ne changent de sens que parce que le discours doit faire face à la menace d'une inconsistance au niveau proprement prédicatif et ne rétablit son intelligibilité qu'au prix de ce qui apparaît, dans le cadre sémantique du mot, comme innovation sémantique. La théorie de la métonymie ne fait aucun appel à un tel échange entre le discours et le mot. C'est pourquoi la métaphore a un rôle dans le discours que la métonymie n'égalé jamais».<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> *Idem*, p. 169. Cf.: «la dynamique de la métaphore-enoncé se condense ou se cristallise dans un effet de sens qui a pour foyer le mot.» (*Idem, ibidem*).

<sup>18</sup> GENETTE, Gérard – *La rhétorique restreinte*, in «Communications», 16, Paris, Éditions du Seuil, 1970, p. 161.

<sup>19</sup> RICOEUR, Paul – *Op. cit.*, p. 170. Cf. «leur différence de fécondité met en jeu des facteurs plus complexes que la simple différence entre deux sortes d'associations. Ce n'est pas parce que la contiguïté est une relation plus pauvre que la ressemblance, ou encore parce que les rapports métonymiques sont externes, donnés dans la réalité, et les équivalences métaphoriques créées par l'imagination, que la métaphore l'emporte sur la métonymie, mais parce que la production d'une équivalence métaphorique met en jeu des opérations prédicatives que la métonymie ignore.» (*Idem, ibidem*).

Uma argumentação como esta, que acentua a disparidade e a assimetria dos dois dispositivos figurais, acaba por promover a metáfora ao estatuto de arquifigura e, de algum modo, regressa por vias diferentes à importância nuclear que Aristóteles lhe concedera na *Poética*.

No mesmo artigo que atrás citámos, Gérard Genette assinala no percurso da retórica, desde Aristóteles até aos nossos dias, as marcas visíveis de uma *restrição generalizada*: numa primeira fase, a retórica clássica opera uma redução progressiva do seu objecto até o restringir à figuração, como acontece com Dumarsais e com Fontanier; num segundo fôlego, a retórica contemporânea reduz drasticamente o elenco das figuras em busca da eficácia operatória (Jakobson, *Retórica de Liège*). No âmbito dessa tendência historicamente iniludível, Genette considera que o pouco ar que passava pelo par metáfora/metonímia se torna irrespirável na hipótese de um *centrocentrismo* da metáfora. Do seu ponto de vista, tal centrocentrismo equivale a uma fraqueza de espírito semelhante àquela que leva ter o leão por rei dos animais: «la métaphore est la 'figure central de toute rhétorique' parce qu'il convient à l'esprit, dans sa faiblesse, que toutes choses, fût-ce les figures, aient un centre».<sup>20</sup> Responsabilizando o Grupo de Liège pela inflação da metáfora que a transforma em tropo dos tropos, acaba por deslocar o alvo das suas objecções, não tanto para a admissão de uma figura *central*, mas para o nome que a designa: «Pourquoi métaphore? [...] on peut dire que les partages de la rhétorique sont oiseux, et que toutes les figures n'en font qu'une, mais à condition de ne pas la nommer 'métaphore' plutôt qu' antanaclase ou polyptote, sous peine de révéler inévitablement [...] un *partis pris*. Il me semble en effet que le profond désir de toute une poétique moderne est bien à la fois de supprimer les partages et d'établir le règne absolu – sans partage – de la métaphore».<sup>21</sup>

Os termos desta recusa não se afiguram muito substanciais. Por um lado, a necessidade de admitir uma centralidade teórica acompanha a generalidade dos esforços que visam a restituição de modelos: trata-se quase sempre de um risco epistemológico calculado; por outro lado, colocar a metáfora em pé de fraternidade com a antanaclase ou o poliptoto encobre um *partis pris* de sinal contrário bem mais insustentável.

O próprio Dumarsais, que no séc. XVIII reduziu a metáfora à analogia, não deixou, apesar disso, de reconhecer o primado da metáfora sobre

<sup>20</sup> GENETTE, Gérard – *Op. cit.*, p. 166.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 168.



os outros tropos. Essa importância tropológica não decorre de um preconceito do senso comum, mas da realidade que se oferece tanto a uma análise aprofundada do mecanismo metafórico e do *travail de la ressemblance*, como a uma retrospectiva da tradição retórica.

Recorde-se, a este propósito, que Beardsley insistiu na ideia de metáfora como *miniatura*, a partir da qual seria possível, procedendo por indução, perspectivar a natureza da obra literária.

Mais perto de nós, Iuri Lotman e Boris Gasparov encontram no tropo «le texte minimal de la culture, en quelque sorte son programme réduit» e, simultaneamente, um gerador de energia: «L'élément galvanique (une paire de plaques de métaux différents déterminant à l'endroit de la soudure une différence de potentiels et donc une tension électrique) pourrait représenter un certain équivalent physique du trope».<sup>22</sup>

A alusão a uma *metáfora viva* que Paul Ricoeur opõe a uma metáfora morta – e metaforicamente assim qualifica por migração de um sema biológico... – não é em nada alheia ao referido poder *gerador* do tropo, no duplo sentido que, por *translatio*, o adjetivo pode receber da física ou da gramática (generativa). Que uma reflexão contemporânea sobre a metáfora, na diversidade das suas formulações e das suas matrizes disciplinares, não resista a tornar-se ela mesma metafórica é o índice da sua rendição ao fulgor da figura.<sup>23</sup>

Américo Oliveira Santos

---

<sup>22</sup> LOTMAN, Iuri; GASPAREV, Boris – *La rhétorique du non-verbal*, in «Rhétoriques, Sémiotiques», Paris, 10/18, 1979, pp. 78 e 79. Cf.: «Mais, ce caractère bipolaire de la situation rhétorique peut aussi être comparé à la bipolarité de la structure d'énonciation dans le langage naturel. Cette structure se compose, en effet, du thème ou présupposition (information initiale supposée connue au moment de l'énonciation) et du rhème, nouvelle information mise en relation avec le thème, et c'est cette mise en relation du présupposé avec la nouvelle information qui constitue la nature même de chaque énonciation. Une conjonction donnée permet d'éclairer le rapport entre le plan primaire et le plan secondaire d'une structure rhétorique.» (*Idem, ibidem*).

<sup>23</sup> Cf. LOTMAN, Iuri; GASPAREV, Boris – *Op. cit.*, p. 84: «Ce serait donc une grossière erreur d'opposer la pensée rhétorique à la pensée scientifique en tant qu'elle serait spécifiquement artistique.»